

CONSCIÊNCIA DE CLASSE

“OS FILÓSOFOS APENAS INTERPRETARAM O MUNDO DE DIFERENTES MANEIRAS; O QUE IMPORTA É TRANSFORMÁ-LO”

f Emancipação Socialista

(11) 98702-4048

www.emancipacaosocialista.org

Nº 1 15/05 a 14/06 de 2019

R\$ 2,00

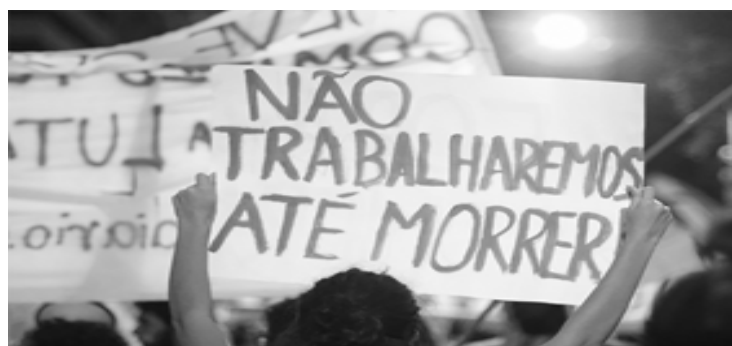
É HORA DE PREPARAR A GREVE GERAL DO DIA 14 DE JUNHO!



**PENA DE MORTE E A
VIOLÊNCIA POLICIAL**



**AS MENTIRAS QUE NOS CONTAM
PARA ATACAR NOSSOS DIREITOS**



**148 ANOS DA COMUNA
DE PARIS**



DA SÉRIE “PARECE PIADA, MAS É SÉRIO”



◆◆ SABE POR QUE ELA TERMINA SOZINHA EM UM CASTELO DE GELO, PORQUE ELA É LÉSBICA! O CÃO ESTÁ MUITO BEM ARTICULADO E NÓS ESTAMOS ALIENADOS ◆◆

Frase da Ministra do Damares em culto, tentando o impossível, em explicar a razão da personagem Elsa - a princesa do filme infantil Frozen- terminar sozinha no filme. Além de ridícula, a frase é parte do repertório de ódio da Ministra Damares contra as pessoas LGBTT.

E olhe que o Ministério é da Mulher, Família e Direitos Humanos. E se não fosse?

O QUE ROLA PELA LUTA DE CLASSES

PROFESSOR É MEU AMIGO, MEXEU COM ELE, MEXEU COMIGO

O professor Pedro Mara, diretor do CIEP 210 em Belford Roxo, na Baixada Fluminense, descobriu que sua vida estava sendo vasculhada na internet por Ronnie Lessa, miliciano acusado do assassinato da vereadora Marielle Franco (PSOL).

A Secretaria de Educação do Estado foi então comunicada que o professor precisava se ausentar de suas atividades docentes para que sua vida fosse preservada através de protocolos de segurança tomados em conjunto com a OAB-RJ, Comissão de Direitos Humanos da ALERJ e o SEPE. Para sua surpresa, em vez de dar proteção ao professor, a Secretaria de Educação abriu um processo administrativo disciplinar visando sua demissão por abandono de cargo, cortou seus vencimentos e o professor teve que retornar ao Rio de Janeiro, quebrando todos os protocolos de segurança, o que colocou sua vida em risco.

Ressalte-se que no inquérito

aberto pela própria Polícia Civil para apurar o assassinato da vereadora Marielle consta que o miliciano investigava a vida do professor Pedro Mara, “desafeto do ex-deputado Flávio Bolsonaro”, por se contrapor ao projeto Escola Sem Partido, defendido pelo clã Bolsonaro, que sofreu forte oposição das entidades de defesa da educação, das quais o professor Pedro Mara fazia parte.

Repudiamos a postura da Secretaria de Educação e prestamos toda nossa solidariedade ao professor Pedro Mara, na defesa de uma educação pública e de qualidade aos trabalhadores que são vilipendiados em seus direitos mais elementares por um governo cada vez mais envolvido com organizações criminosas.

Toma lá dá cá

Segundo reportagem do jornal Folha de São Paulo, o governo ofereceu 40 milhões de reais na liberação de emendas ao orçamento dos deputados para conseguir a aprovação na CCJ da Reforma da Previdência. A matéria cita deputados

do DEM, PP, PRB, PP, PSD e Solidariedade confirmando o acerto feito com o ministro Onyx Lorenzoni, na casa do presidente da Câmara Rodrigo Maia.

Para um governo que foi eleito proclamando ser da “nova política”, não demorou muito para mostrar suas verdadeiras intenções de prejudicar os trabalhadores e as trabalhadoras, nem que para isso tenha que comprar todos os votos necessários para aprovar a famigerada Reforma da Previdência.

A PEC 06/2019, que trata da Reforma da Previdência, segue na Comissão Especial sob o comando do Centrão, aquele grupo de deputados de direita que votam contra os trabalhadores mediante troca de favores.

Vitória inicial do movimento LGBT

Com a decisão liminar da Ministra Carmem Lúcia, do STF, no último 24 de abril, suspendendo a decisão da 14ª Vara Federal do Distrito Federal, que retirava os efeitos da Resolução 01/1999, do Conselho Federal de Psicologia, determinando que não cabe a psicólogas(os) oferecerem qualquer tipo de prática de reversão sexual, uma vez que a homossexualidade não é doença, a chamada “cura gay”, os LGBTs de todo o Brasil obtiveram uma vitória inicial contra os reacionários de plantão.

Como se trata de uma decisão liminar, é bom acompanhar o desfecho dessa pendenga judicial, principalmente em tempos de governos assumidamente contrários às pautas do movimento LGBT, bem como do julgamento da ação que prevê a criminalização da homofobia e da transfobia, também em tramitação no Supremo, com placar de 4 a 0, até o fechamento desta edição, a favor da criminalização.



BALBÚRDIA É ESSE GOVERNO

O presidente Bolsonaro afirmou que o corte das verbas no ensino superior seria para investir na educação básica, mas segundo a revista Exame, 2,4 milhões foram bloqueados desse setor.

O ministro da Educação Abraham Weintraub afirmou que o corte aconteceu devido à balbúrdia nas universidades. Porém, para uma administração que só vem fazendo ataques e retirando direitos da população, dá para afirmar sem erro que balbúrdia é esse governo.

PROFESSORA É MINHA AMIGA, MEXEU COM ELA, MEXEU COMIGO

A professora Camila Marques, coordenadora do Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação – SINASEFE, foi presa e algemada onde leciona por não permitir que policiais invadissem a sala de aula para interrogar seus alunos.

A ação truculenta da polícia com os estudantes foi filmada por Camila, o que levou os policiais a prenderem a professora por “desacato”. O caso ocorreu no campus Águas Lindas, do Instituto Federal de Goiás, onde a professora Camila já vinha sofrendo perseguição de bolsonaristas defensores do Escola Sem Partido.

Vimos prestar nossa solidariedade à professora Camila Marques e nosso repúdio à truculência da polícia e ao Escola sem Partido e seus ataques à educação pública.

EXPEDIENTE

O jornal **CONSCIÊNCIA DE CLASSE** é o órgão de imprensa da organização Emancipação Socialista. Os artigos assinados expressam a opinião dos autores. Também estamos abertos a contribuição de texto de ativista de esquerda mesmo de caráter crítico às nossas posições.

Emancipação Socialista é uma organização formada por trabalhadores e trabalhadoras. Atuamos na luta de classes com o objetivo de construção do socialismo. Temos como referência as ideias de Marx, as quais não consideramos como um dogma e sim um método vivo para a análise da realidade e da luta prática revolucionária. Também nos apoiamos nas elaborações de outros marxistas revolucionários que contribuíram para o enriquecimento dessa teoria e da prática militante. Se tiver interesse em conhecer melhor nossas posições envie mensagem para contato@emancipacaosocialista.org

UFABC: CONTRA A RESTRIÇÃO DO ACESSO AOS FRETADOS

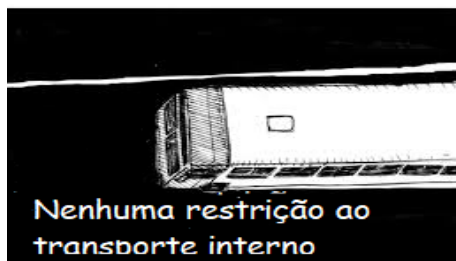
KAIO (ESTUDANTE DA UFABC)
SILAS (TRABALHADOR DA UFABC)

Desde o início de maio o acesso ao serviço de transporte interno da UFABC ficou ainda mais restrito. Por ocasião do vencimento do contrato com a Viação Santo Ignácio (VSI), por meio de pregão eletrônico a UFABC contratou uma nova empresa: a Transportes – Turismo e Serviços JP Grandino, para realizar o transporte universitário. A partir da contratação a empresa passou a impor uma nova regra de funcionamento dos ônibus fretados: a exigência de que todos os passageiros estejam sentados.

Além disso, a partir de 27/05 as linhas Câmpus-Terminal, tanto a de Santo André como a de São Bernardo, só funcionam após as 21h. Trata-se de um ataque a um serviço fundamental para o deslocamento da comunidade acadêmica e, em particular, para os estudantes considerando a ausência de linha(s) de transporte coletivo que percorram os trajetos dos fretados, sobretudo, entre o câmpus Santo André (SA) e o câmpus São Bernardo do Campo (SBC). Isso põe em cheque o próprio modelo da UFABC, baseado em um sistema multi-câmpis com deslocamento gratuito garantido entre os câmpis.

Segundo a Reitoria há uma exigência legal para transportar os estudantes sentados, ainda que não explique qual exigência legal é esta. Por parte da Reitoria, há o desvio do debate para tentar naturalizar as regras impostas pela nova empresa e o não questionamento das regras para não enfrentar prováveis interesses escusos estabelecidos com as empresas de transporte da região.

Cumpramos destacar que se não bastasse o fato dos câmpis universitários serem deslocados da comunidade, principalmente o câmpus SBC que está situado em uma área nobre isolada dos pontos de circulação da população pobre, a gestão da UFABC tem criado mecanismos para descaracterizar o caráter público da universidade, tais como controle e restrição de acesso ao câmpis (catracas e gradeamento) e ao fretado (obrigatoriedade da comprovação de



vínculo institucional permanente).

Na medida que a universidade se isola da comunidade e que os cortes orçamentários avançam, o fim do fretado, cada vez mais, se coloca no horizonte. Como não há uma linha que interligue os câmpis e, o deslocamento por meio de transporte coletivo exigiria bastante dinheiro e tempo para embarcar e baldear em diferentes linhas, algo inviável na dinâmica metropolitana (que inclusive não tem integração entre toda a malha de transporte) Sem fretado a comunidade acadêmica precisaria necessariamente recorrer ao transporte privado.

Deste modo, no contexto da crise dos ricos que os pobres estão tendo que pagar, é possível compreender a restrição do uso dos fretados como parte da retirada de direitos, onde busca-se aumentar os lucros privados, restringindo ou extinguindo o acesso a serviços públicos como o fretado e a direitos sociais como a previdência social.

Ações como abaixo-assinado para abertura de linhas intermunicipais e Audiências Públicas, ainda que consideráveis, não são suficientes para garantir a permanência estudantil. Vale lembrar que os estudantes da EFLCH/Unifesp conquistaram a linha Ponte Orca (administrada pela EMTU) em 2012, mas a linha foi extinta poucos anos depois.

Somente ações combinadas com um movimento de luta real pode barrar esses retrocessos. A política do DCE de exigir uma linha privada entre os câmpis só vai beneficiar as empresas, uma vez que o transporte seria pago e não gratuito (mesmo porque o passe livre é um direito cada vez mais escasso). Nesse sentido, para garantir o funcionamento do fretado, inclusive, com o transporte de pessoas em pé, é essencial construir uma luta independente que enfrente a política das empresas e a negligência da Reitoria.

A SITUAÇÃO DA JUVENTUDE NAS PERIFERIAS

LUCAS E VINICIUS

Falar da perspectiva do jovem na periferia é um desafio, pois existem vários perfis, o importante é a reflexão do que esses vários perfis tem em comum. Se a pessoa está na periferia, ela faz parte do proletariado, isto quer dizer que ela é apenas um número para o sistema capitalista.

Ao chegar à adolescência, várias preocupações vêm na mente. O trabalho é uma delas, pois queremos nosso dinheiro pra poder comprar nossas roupas, ter acesso à lazer e entretenimento, sair com a namorada, ou mesmo, ajudar nas despesas de nossas casas etc. Por conta da dificuldade de se inserir em um trabalho, da exploração e da sua má remuneração, ficamos expostos ao risco da criminalidade, que é a grande preocupação de nossas mães e pais (dos que tem) ou outros responsáveis. O tráfico de drogas e furtos, são práticas que garante renda rapidamente, dependendo é até mais do que um trabalho com carteira assinada.

Uma das dificuldades de se inserir no mercado de trabalho é a falta de qualificação profissional. Mas não é a única causa, pois a falta de qualificação profissional não garante a empregabilidade para todos, pois depende, principalmente, da disposição do capitalista em comprar a força de trabalho.

A escola básica que temos hoje com seu modelo também não proporciona seguridade para nós. É só observar o número de evasões, analfabetos funcionais e o desinteresse pela escola. A maioria de nós não se identifica com o que é ensinado na escola, pois está longe do nosso mundo, e é só mais um instrumento da burguesia para nos adestrar para existirmos de acordo com seus interesses e para sermos meros trabalhadores de carteira assinada, parte do “precariado” (proletariado que não consegue estabilidade no emprego de carteira assinada), desempregados, traficantes, sendo estes últimos, em especial passíveis de serem mortos,

ainda mais se forem negros. Ainda assim nossos pais veem o estudo como escudo para que não caiamos na criminalidade e não estão errados. Temos que reivindicar empregabilidade digna e ensino gratuito de qualidade.

As drogas* também preocupam, são destrutivas, complicam as relações familiares, podem levar à criminalidade para o sustento de seu consumo e impedir de terem uma perspectiva de futuro. Aparecem em momentos de autoafirmação e recreação, até mesmo na falta de autoestima. Quem colocou as drogas na favela? A burguesia. Matam vapores, mas não matam Aécio Neves, envolvido com a história do helicóptero de cocaína, apreendido há anos atrás. E as drogas - como diz o rapper Eduardo - “são as ferramentas do opressor pra impedir a nossa revolução”.

A repressão policial que persegue, principalmente, os jovens, é outra preocupação. Por exemplo: no bairro Jardim Sorocaba, em Santo André, e outros bairros vizinhos, são notáveis o aumento de abordagens policiais. No dia 5/11/2017, domingo a tarde, o PM Alcécio José de Souza matou Luan Gabriel Nogueira de Souza, de 14 anos. O PM Antônio Noronha Barboza, à paisana, matou sua testemunha Rodrigo Nascimento de Santana, 16 anos, no dia 16/11/2018 e baleou outra.

Por todo esse contexto de miséria, exploração e violência, “vem com nós”, contra a repressão policial, por melhores empregos e educação, para construirmos o socialismo.



(*) Não abordamos aqui a questão da legalização das drogas, mas quem quiser conhecer a nossa posição ver jornal nº 113 Espaço Socialista/Movimento de Organização Socialista, organizações antecessores de Emancipação Socialista (<http://twixar.me/0gTn>).

MENTIRAS E MAIS MENTIRAS PARA ACABAR COM OS NOSSOS DIREITOS

A covardia desses governos não tem tamanho – ao saberem que ter um emprego é uma das coisas mais importantes para os trabalhadores, – sempre utilizam o argumento da geração de emprego para iludir as pessoas e ganhar apoio para os seus planos.

Foi assim para aprovar a Lei da Terceirização, a Reforma Trabalhista e agora para tentar aprovar a Reforma Previdenciária.

REFORMA TRABALHISTA E EMPREGO

“A Reforma Trabalhista vai gerar 6 milhões de empregos”. Foi essa a promessa de Meirelles para aprovar a Reforma trabalhista que entrou em vigor no final de 2017.

Foi mais uma daquelas mentiras de governos e patrões para mexer nos nossos direitos. E o pior é que a

classe trabalhadora vai perceber isso muito tempo depois, quando já está enfrentando os efeitos das mentiras.

Ao contrário do dito por Temer e Meirelles (apoiado por Bolsonaro e seus ministros), o desemprego aumentou. Vejamos:

- Antes da Reforma ser aprovada, eram 12,3 milhões de desempregados. E segundo ambos, só em 2018 e 2019 seriam criados 2 milhões de empregos. Hoje já são 13,4 milhões de pessoas, isto é, 12,7% da força de trabalho. Ou seja, aumentou.

- E a situação é ainda pior, pois há mais de 4,8 milhões de pessoas “desalentadas”, aquelas que desistiram (ou não têm condição por falta de dinheiro para pagar passagem) de procurar emprego. Somados, são mais 18 milhões de pessoas sem nenhuma fonte de renda.

- Há mais 6,7 milhões de

subocupados (com jornada de trabalho menor), muitos por conta de contratos precarizados (intermitentes, jornada parcial, etc).

- E os empregos que surgiram estão cada vez piores. O número de trabalhadores informais (sem direitos trabalhistas) cresceu. No fim de 2018 eram 11,5 milhões sem carteira e outras 23,8 milhões de pessoas trabalhando por conta própria.

TEM SAÍDA PARA ACABAR COM O DESEMPREGO?

Quem precisa de um emprego para viver sabe muito bem que o fantasma do desemprego assombra de tempos em tempos. O desemprego não é só por conta da política econômica, é também pelo próprio jeito do capitalismo funcionar.

Nas crises econômicas a primeira coisa que os patrões fazem é demitir, e os que continuam empregados passam a trabalhar ainda mais.

O desenvolvimento de novas máquinas (robôs, por exemplo)

também causa desemprego e, nesse caso, passa-se a produzir mais sem precisar contratar mais.

Dessa forma, o capitalismo produz muito sem ter quem consome tudo o que foi produzido.

No entanto, por mais promessas que esses políticos burgueses e patrões façam, nunca vão acabar com o desemprego, pois usam o desemprego para diminuir os salários.

Somente uma forte luta da classe trabalhadora pode impor um plano para acabar com o desemprego:

- Redução da jornada de trabalho sem redução do salário para ter emprego para todos/as;

- Um plano de obras públicas (hospitais, escolas, infraestrutura, etc.) para gera empregos.

Você pode estar pensando de onde viria o dinheiro para arcar com esse plano, é simples: Basta utilizar todos os bilhões de reais (pelo menos 40%) do Orçamento Federal que vão para pagar a dívida pública e beneficiam banqueiros e especuladores do dinheiro público.

REFORMA DA PREVIDÊNCIA: DEZ VEZES MAIS MENTIRAS

Caso essa proposta de Reforma Previdenciária seja aprovada irá acabar a aposentadoria por tempo de contribuição, a idade mínima para se aposentar será de 65 anos para os homens e 62 para as mulheres, aumentará o tempo de contribuição de 15 para 20 anos para ter acesso a um valor mínimo de benefício e para o valor integral terá de contribuir por 40 anos (podendo chegar a 49 anos, se iniciou com 16 anos).

Também exige contribuição e idade mínima de 60 anos para trabalhadores e trabalhadoras na agricultura e para professores/as; proíbe acumular aposentadoria com pensão por morte; limita acesso à pensão por morte, mexe no PIS.

Como se vê, não há nada de bom para a classe trabalhadora especialmente para os mais pobres. E ainda governo, parlamentares e patrões insistem em dizer que é para garantir o futuro do país. Na verdade mentem para garantir o futuro dos dos banqueiros.

São tantas mentiras que para

explicarmos uma a uma seria preciso um livro. Listamos apenas algumas, caso você tenha interesse em aprofundar há vários sites com informações e dados desmentindo Bolsonaro e Paulo Guedes:

1) Dizem que há déficit na Previdência Social: É mentira, esse pseudo déficit é fabricado. O governo não cobra as empresas (JBS, Bradesco, Itaú, etc) que descontam dos funcionários e não repassaram para o INSS. Também usam a DRU (Desvinculação das Receitas da União) que retira até 30% do dinheiro da Previdência Social para pagar a dívida pública. Outra forma de fabricar esse déficit é não considerarna na conta as receitas das loterias e contribuições sociais como parte do orçamento da previdência.

2) Afirmam que o país vai crescer: Não irá, é mentira. Pelo contrário, vai diminuir a capacidade de compra das pessoas e isso fará vender menos, consequentemente, a produção e o mercado capitalista não crescerão;

3) Dizem que combaterá

privilégios: Não combaterá, é mentira. Os privilégios vão permanecer da mesma forma com esses altos salários de juizes, políticos, desembargadores, etc. que chegam a receber mais de R\$ 70 mil em alguns meses do ano. Com salários altos assim podem poupar muitos milhares de reais para suas aposentadorias. Já o pobre não consegue economizar, pois seu salário mal dá para as contas.

4) Afirmam que irão investir nas áreas fundamentais: Não haverá investimento, é mentira. O dinheiro que deixará de pagar a aposentadoria de trabalhadores não irá para uma poupança, irá para o pagamento dessa Dívida Pública que rende muitos juros para banqueiros e especuladores.

5) Dizem que vai proteger a velhice: Não vai proteger nada, é mentira. Com a Reforma vai ficar muito mais difícil se aposentar, pois é quase impossível conseguir emprego com 60, 65 anos. E para os idosos pobres terá apenas o BPC (Benefício de Prestação Continuada), após os 60



anos, com valor inicial de R\$ 400,00. Como é possível viver com essa mixaria?

6) Afirmam que a capitalização vai gerar emprego: “Vamos criar empregos e podem ser milhões de empregos rápidos se formos para a Previdência nova [a capitalização] por causa da desoneração dramática dos encargos trabalhistas”, fala de Paulo Guedes. Não vai gerar emprego, é mentira. Estão interessados na parte da “desoneração dramática dos encargos trabalhistas”, isso significa que os patrões deixarão de pagar a parte deles para a Previdência Social. Não há nenhuma garantia de criar novos empregos.

EMPRESAS E OS BANCOS GANHAM

Os maiores apoiadores da Reforma da Previdência são os banqueiros e a conversa é a mesma: “o país precisa da Reforma para estabilizar a economia, vai acabar com o déficit”, etc. O mesmo blábláblá de sempre e sem nenhuma garantia positiva para o trabalhador.

A realidade é uma só: estão interessados na captação de recursos dessa capitalização, que pode chegar a 380 bilhões de reais só no primeiro ano. Como é um dinheiro que o trabalhador não vai poder mexer, os bancos vão aplicar no sistema financeiro e lucrar ainda mais e com esse dinheiro.

E se o banco ir à falência ou perder com essas aplicações? O trabalhador ficará sem o dinheiro. 100% garantido para os bancos e 0% para o trabalhador.

O QUE É A CAPITALIZAÇÃO?

Hoje o financiamento da Previdência é feito com a contribuição do trabalhador e do empregador (empresas e governos). Com a capitalização, as empresas não vão contribuir mais. Só o trabalhador vai contribuir em uma conta poupança individual, que será administrada por algum Fundo de Pensão ou banco e ainda teremos que pagar taxas de administração e carregamento (isso fará o dinheiro diminuir).

Esses administradores vão usar (especular) esse dinheiro no mercado financeiro comprando ações, títulos de Dívida Pública, fundo de investimento e se tiver prejuízo com a especulação, o trabalhador pagará a conta. Mesmo se houver mal gerenciamento, o trabalhador não poderá sacar o dinheiro.

NOSSO POVO TEM UMA HISTÓRIA DE LUTAS

Nosso povo luta muito: as revoltas populares, contra as ditaduras de Vargas e militar, a campanha “o petróleo é nosso”, as lutas operárias do fim dos anos 70, a campanha das Diretas. E sem falar nas lutas de conquistas de direitos (redução da jornada de trabalho, etc) e outras na defesa dos direitos atacados.

Só Greves Gerais já foram 8.

1917: É considerada a primeira Greve Geral que luta pelo aumento de salário, redução da jornada de trabalho e melhores condições de trabalho.

Depois teve em 1962, 1986, 1987, 1989, 1991, 1996 e 2017.

A de 1989, de dois dias, é a maior Greve Geral da história do país com fábricas paradas, transportes, serviços públicos, etc. Literalmente, o país parou.

Em 2017 ocorreu a segunda maior Greve Geral da classe trabalhadora brasileira. Foram milhões em greve e manifestações de rua reuniram outros milhares. Essa greve foi fundamental para impedir a votação dessa mesma reforma da previdência.



As Centrais Sindicais convocaram a Greve Geral para 14 de junho. Será um dia histórico para a classe trabalhadora brasileira. Essa Greve coloca a luta contra a Reforma da Previdência em outro patamar e poderá iniciar a sua derrota. No entanto, só um chamado não faz a Greve acontecer, é preciso construí-la cotidianamente. Cabe, principalmente, aos sindicatos e Centrais a sua construção efetiva com a organização de assembleias de base, materiais explicativos como panfletos, cartazes e vídeos, etc.

A IMPORTÂNCIA DA GREVE GERAL

Bolsonaro, Paulo Guedes, deputados, senadores, banqueiros, empresários, apresentadores de televisão milionários, etc. defendem com unhas e dentes a Reforma Previdenciária. Defendem porque vão ser beneficiados.

Ou seja, o trabalhador e a trabalhadora só podem contar com suas próprias forças e com a luta.

E de todas as lutas a Greve Geral é a mais importante, pois junta toda a classe trabalhadora (operários, professores, bancários, transporte, movimentos populares, estudantis, etc.). É temida pela burguesia porque pára a produção, distribuição e circulação de mercadorias, atingindo o capital como um todo.

Por isso, o sucesso da Greve Geral do dia 14 de junho é fundamental para impor um basta a essa Reforma e a outros ataques aos nossos direitos mais elementares como a tentativa de destruir a Educação

pública com o atual corte de 30% nos orçamentos das universidades e institutos federais.

GREVE GERAL É NA RUA!

Dia de Greve Geral é dia de irmos para as ruas. Tem trabalhador que fica inseguro com a pressão da empresas e não adere de imediato ao movimento. Por isso, além de todas atividades (assembleias, panfletagens, etc.) as atividades de piquetes dos grevistas para ampliar a greve é fundamental.

A rua é espaço público e muito importante para nos movimentarmos, é onde construímos laços com outras pessoas, possibilita o exercício de liberdade e de lazer. Mas, o capital também já se apropriou desse espaço e o usa contra nós. No dia da Greve Geral devemos mostrar nossa força, pois quem constrói o país somos nós trabalhadores.

Como dizia Lênin: “A ação inevitável dos operários nas ruas, ainda que apenas para informar seus camaradas ainda não a par da greve, converte-se numa manifestação política com canções e discursos revolucionários”!

VOCÊ PODE AJUDAR CONSTRUIR A GREVE GERAL

As principais direções do movimento sindical brasileiro, com exceção da CSP e Intersindical, não são confiáveis e até já aceitam negociar alguns pontos dessa Reforma. Isso seria uma traição aos nossos direitos. A CUT e a CTB apoiaram várias medidas de governos petistas, inclusive a última Reforma da Previdência. A Força Sindical chegou a apoiar a Reforma Trabalhista e a Lei das Terceirizações. Não dá para confiar nas burocracias sindicais. Não aceitamos negociar essa Reforma, temos que derrubá-la totalmente!

Por isso, é fundamental que essa greve seja preparada na base das categorias e crie um amplo movimento que, além de fortalecer a greve, pressione as direções sindicais para não recuarem.

Algumas ações que podem ser feitas:

- Distribua no seu bairro, local de trabalho (escondido do seu patrão...) ou na escola o abaixo-assinado das Centrais e outros materiais explicando como todos perdem com a Reforma da Previdência;
- Exija que seu sindicato realize assembleias para decidir sobre a Greve Geral. Caso não faça nada, se organize com seus colegas de trabalho para ninguém ir trabalhar no dia 14 de junho e poste nas redes sociais;
- Você pode também organizar um Comando de Greve para fazer essas e outras atividades da greve.

ACAMPAMENTO TERRA LIVRE: “SANGUE INDÍGENA, NENHUMA GOTAS A MAIS!”

CIDA E ALICE

Como ocorre todos os anos, as mais variadas tribos indígenas existentes no Brasil organizam-se para a maior mobilização indígena: o Acampamento Terra Livre, de 24 a 28 de abril, perfazendo em torno de seis mil lideranças indígenas para levar suas demandas ao Congresso Nacional.

As lideranças indígenas apresentaram seu repúdio aos ataques do governo Bolsonaro que, por meio da MP-870, transferiu a competência da demarcação das terras indígenas para o Ministério da Agricultura, presidido pela ruralista Tereza Cristina (ex-presidente da UDR); que visa entregar as terras indígenas à exploração do capital internacional, intenção já declarada pelo ministro de Minas e Energia, através da mudança da legislação para a exploração de mineradoras em plena Amazônia, mesmo após os desastres ambientais de Bento Gonçalves/Mariana e Brumadinho; também

transferiu a FUNAI para o ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, sob comando da conservadora Damares Alves, que, inclusive já foi acusada de ter sequestrado uma criança indígena. Ela visa municipalizar a SESAI (Secretarias Especiais de Saúde Indígena), precarizando ainda mais o atendimento à saúde indígena.

As manifestações ocorreram principalmente em frente aos Ministérios da Justiça, ao qual a Funai era vinculada, e da Saúde. A Marcha em defesa dos direitos constitucionais indígenas ocorreu por toda a Esplanada dos Ministérios, porém foi impedida, pela Força Nacional, de chegar até a Praça dos Três Poderes. Assim, as delegações do ATL tiveram que montar o acampamento na Praça dos Ipês, após pressão da PM do DF. Tal atitude de pacificação foi na intenção de não entrar em confronto e responder com violência às declarações mentirosas

e depreciativas do Presidente que incitou a população contra o movimento indigenista. Observa-se a concretização de todas as ameaças, desde as eleições presidenciais, deixando claro o desmerecimento aos povos indígenas, quanto à sua importância na formação da cultura e nação brasileiras, apresentando-os sob uma ótica de primitivização e de inferioridade.

Apesar da decisão do Ministro da Justiça, Sérgio Moro, militarizando todo o entorno da Praça dos Três Poderes e da tentativa do presidente da República de desmoralizar o movimento, dizendo que o mesmo era financiado pelo Estado, não conseguiram fazer as lideranças indígenas retrocederem. Ao contrário, avançaram, bradando sua pauta e a apresentaram ao Congresso, exigindo reconhecimento dos direitos indígenas.

Ao final do Acampamento,

foi produzido um documento sob o título “Resistimos há 519 Anos e Continuaremos Resistindo”, contendo críticas e denunciando o atual governo, frente aos diversos acontecimentos e medidas governamentais que incentivam e respondem a interesses internacionais, financeiros e corporações empresariais que buscam o controle do agronegócio e da mineração em detrimento das Reservas Indígenas, que vão perdendo espaço para grileiros que representam a bancada ruralista.

A luta pela defesa dos povos indígenas, por suas tradições, por seus estilos de vida, pela demarcação dos seus territórios, pela cultura milenar desses povos é obrigação de cada brasileiro e brasileira que deseja, ainda que minimamente, um país livre, independente do capital, onde o meio ambiente seja preservado juntamente àqueles que são seus guardiães naturais: os povos indígenas. Assim, é na luta que nos uniremos contra o autoritarismo, o ultraconservadorismo e a exploração do capital manifestados por este governo.

A PENA DE MORTE PRATICADA NO BRASIL: A VIOLÊNCIA POLICIAL

Se a pena de morte é proibida por lei no Brasil, na prática o que vemos é uma sequência de execuções praticadas pelas polícias civis e militares em todo o país.

Segundo estudos da Anistia Internacional, a polícia brasileira é a que mais mata no mundo. Em 2018, 15,6% dos homicídios registrados no Brasil, tinham como autor um policial. E a mira deles tem cor e classe específico, são os trabalhadores pretos, que moram na periferia, que seguem o padrão de “suspeitos” passíveis dessa pena de morte.

Além disso, esses crimes são legitimados e estimulados pelo Estado Brasileiro, não só no discurso do Presidente Bolsonaro que já disse publicamente que a “Polícia Militar no Brasil tinha que matar é mais”, como também

pela situação de não resolver esses crimes, segundo dados do mesmo relatório da Anistia, 183 desses casos não foram solucionados.

Outro estudo do Núcleo de Estudos de Violência da USP e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, mostra que em 2018, a morte de pessoas por policiais aumentou 18%, subindo de 5.225 vítimas em 2017 para 6.160, em 2018. Em contrapartida, o número de policiais mortos caiu de 374 para 307, no mesmo período.

Vendo os casos de muita repercussão, entendemos o que acontece: não há trocas de tiros ou enfrentamentos diretos, a polícia mata quando quer matar, seu ódio racista e contra os trabalhadores mais pobres se transforma em crimes sem punição. Uma condição cada vez mais necessária ao Capital que não

tem condições de manter toda essa população, então libera os mais pobres para morrer.

“SÓ NA CABECINHA”

Assim como Bolsonaro, o Governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, não apenas defende esse extermínio, como o estimula, sua famosa frase “O correto é matar o bandido que está de fuzil. A polícia vai fazer o correto: vai mirar na cabecinha e... fogo! Para

não ter erro”. No discursos de matar “bandido”, reitera a morte da população pobre e preta.

Não por coincidência, o estado do Rio de Janeiro é o que mais tem mortes por policiais no Brasil, são 1.534 em 2018, e também lidera a maior taxa de morte por habitante, sendo 8,9 por 100 mil habitantes.

E o que chama de fuzil, como justificativa para atirar, se torna o argumento do “engano”, pois muitos

trabalhadores pobres são mortos porque a polícia “se confunde” e atira em pessoas que portavam guarda-chuva, armas de pressão e até saco de pipoca! E quando não há argumentos para justificar seu ódio, somente fuzila trabalhador com mais de 80 tiros!

Witzel ainda busca garantir acertar a “cabecinha” quando usa helicópteros para disparar contra a população, se vangloriando dessa prática!

Desse modo, é necessário compreender que a polícia não protege a classe trabalhadora, pelo contrário, a extermina! Está somente a serviço do Estado para garantir a opressão sobre nós!

Precisamos lutar pelo fim da polícia! Contra toda a prática de extermínio da classe trabalhadora, principalmente a população negra!



29 DE MAIO: 148 ANOS DA DERROTA DO PRIMEIRO GOVERNO OPERÁRIO DA HISTÓRIA

ALEX BRASIL

28 de maio: cento e quarenta e oito anos da derrota do primeiro governo operário da história, a Comuna de Paris.

Em 1848, a Europa foi sacudida por um processo de revoluções, que ficou conhecido como “A Primavera dos Povos”. Foi um processo vitorioso na Dinamarca, parcialmente vitorioso na Áustria, na Hungria e que deixou gérmen para a unificação futura da Itália. Já na França, a Revolução de 1848, que depôs o “rei burguês” Luís Filipe e instaurou a Segunda República francesa se somou à tentativa do proletariado em dissolver a reacionária Assembleia Nacional Constituinte. Como resposta, veio a reação burguesa, que deixou 800 mortos em combates, 3.500 fuzilados, 25 mil presos e 3.500 deportados.

A essa grande derrota dos trabalhadores franceses se sucedeu o golpe de Estado de 1851, que conduziu o sobrinho de Napoleão, Luís Bonaparte ao poder e edificação do II Império, fazendo retroceder o processo revolucionário de 1848. Entretanto, depois de 18 anos de governo, a França estava sacudida por agitações. Como forma de desviar a crise interna, Napoleão III entrou em uma guerra de rapina inter-burguesa com a Prússia. O resultado foi uma derrota vergonhosa da França para as tropas comandadas pelo chanceler prussiano Otto Von Bismarck, quando Napoleão foi feito prisioneiro em Sedan.

Em função disso, foi proclamada a Terceira República francesa. O governo provisório tinha como presidente do Conselho dos Ministros, Adolphe Thiers, que estava disposto a capitular à Prússia,

entregando boa parte do seu exército permanente, assim como as suas armas. O aparelho repressivo do Estado Francês passou a se resumir a Guarda Nacional, composta em sua maioria por operários e membros da pequena burguesia. Esta rachou e veio para o lado dos insurgentes, contrários à capitulação. Em seguida, a Guarda Nacional tomou a prefeitura de Paris e expulsou os dirigentes da III República, que se instalaram em Versalhes, onde assinaram um acordo de capitulação à Prússia e também onde o rei prussiano Guilherme II foi condecorado imperador do Segundo Reich, um episódio que humilhou os franceses.

SURGE O PODER OPERÁRIO...

A Guarda Nacional acabou sendo dissolvida e o único poder armado formado era o das milícias armadas constituídas pelos insurgentes. Estes últimos construíram organismos de poder duplo, os Comitês de Vigilância em vinte distritos da capital francesa. Surgia a Comuna de Paris, o primeiro governo operário da história. Pela primeira vez, a classe trabalhadora francesa se transformou de “classe em si” para “classe para si”.

Foi abolida o “sistema de escravidão por salário”; todos os membros da administração pública foram eleitos por “democracia direta”; o trabalho noturno foi abolida; a jornada de trabalho foi reduzida; fábricas fechadas foram assumidas por cooperativas; residências vazias foram desapropriadas e se formaram comitês para a ocupação das moradias; o cargo de juiz passou a ser eletivo; instituiu-se a igualdade entre os sexos; a educação se tornou

gratuita; o salário dos professores foi duplicado; o exército regular foi abolido e separou-se o Estado da Igreja, entre outras medidas.

E, fundamentalmente: ser estrangeiro passou a ser irrelevante para os comunardos, que emitiram um apelo à Associação Internacional dos Trabalhadores. Foi a primeira prova de fogo da I Internacional. No governo operário, atuavam marxistas, neojacobinos, blanquistas (adeptos do comunista utópico Louis Blanqui, ativo participante das Revoluções de 1830 e 1848), bakunianos (partidários do russo Mikhail Bakunin, que pregavam a extinção imediata do Estado e a organização da sociedade em comunas), e proudhonianos (alinhados com as ideias do francês Pierre-Joseph Proudhon, identificadas com o “socialismo dos pequenos proprietários”).

O internacionalismo foi a marca da Comuna de Paris: o primeiro ministro do Trabalho do governo revolucionário foi o húngaro Léo Frankel; os poloneses Dombrowski e Wroblewski assumiram comandos militares, a russa Elisabeth Dimitrieff tomou à frente da União das Mulheres para a Defesa da França e numerosos “camisas vermelhas”, ligados ao revolucionário internacionalista italiano Giuseppe Garibaldi, além de outros estrangeiros constituíram legiões de combatentes.



Barricadas de operários e populares, usadas para se defenderem das tropas do império francês

A DERROTA DA COMUNA DE PARIS...

Depois de 72 dias (18 de março a 28 de maio de 1871), a Comuna de Paris foi afogada em sangue. A Prússia, demonstrando a consciência de classe internacional da burguesia, liberou os oficiais franceses, antes aprisionados, para estes esmagarem os comunardos. Cem mil soldados de Versalhes enfrentaram 15 mil membros do exército popular, numa correlação de forças desigual. Cerca de 20 mil insurretos foram mortos, que somadas às baixas em combates, fizeram esse número subir para 80 mil. Quarenta mil pessoas foram presas, sendo muitas delas torturadas e fuziladas.

Sufocada a revolução, a França foi obrigada a pagar pesada indenização de guerra e perder territórios como a Alsácia e a Lorena, ricos na produção de carvão mineral, fundamental para as transformações das unidades produtoras fabris para a grande indústria. E a I Internacional e seus militantes foram duramente perseguidos.

Entretanto, os ideais da Comuna de Paris iriam ressurgir no início do século seguinte na Rússia, em 1905 e em 1917. Afinal, a burguesia, de classe revolucionária que derrubou a nobreza, em menos de um século, passou a ser classe reacionária frente ao proletariado, esta sim a nova classe revolucionária, a única com possibilidade de movimentar a roda da História.

HIP HOP: UMA EXPRESSÃO DA LUTA DE CLASSES

LUCAS

O HipHop é uma cultura de jovens construída espontaneamente nos guetos norte americanos, a partir dos anos 70, tendo como protagonistas os afros descendentes, jamaicanos e latinos americanos imigrantes. Possui um conjunto de práticas artísticas que aparecem nos 4 elementos fundamentais, MC (Mestre de Cerimônia) que faz a poesia; DJ (Disk Jockey) que anima com o instrumental através de aparelhagens de som e técnicas executadas nelas; o Grafiteiro que desenha e pinta em muros da cidade; e o B-Boy que dança. Podem surgir novos, como o polêmico 5º elemento que apareceu no Brasil e outros países latinos americanos, pois Hip Hop é uma cultura viva, portanto, mutável. Em entrevistas do KRS One podemos ver que ele fala de diversos elementos.

Para os desinteressados em mudar o mundo, o 5º elemento,

que é o conhecimento, não existe; justificam dizendo que o mesmo é inerente à vida, e então, aos outros elementos, isto é, que ele é necessário pra tudo, pra tocar, dançar, cantar, e já é algo naturalizado, não sendo um elemento da cultura. Essa afirmação distorce o que ele é, que na verdade é principalmente a atuação política na realidade. Aliás, o Hip Hop no Brasil foi o que mais se desenvolveu politicamente no mundo.

O rapper Portavoz do Chile, que tem letras muito combativas, em uma entrevista afirmou que a sua inspiração foi o Rap brasileiro. Diversos integrantes do Hip Hop das décadas de 1990 e 2000 eram organizados nas posses, que tinham de muitos perfis, algumas mais politizadas, tendo como norte o socialismo, outras que funcionavam como ongs que buscam uma atuação em conjunto com o Poder Público e

algumas meramente culturais.

Pela confusão dos conceitos e o andar da cultura fala-se mais em Rap, que é a música a partir da junção dos elementos DJ e MC, do que em Hip Hop. Aparecem eventos com o nome de Hip Hop, mas não tem o elemento B-Boy, ou Graffiti. Dependendo do evento e as suas condições de organização nem mesmo o DJ aparece, pois se tiver o beat (batida) num pen drive e o microfone é possível cantar uma música.

Entre MC e Rapper há diferença, de acordo com Afrika Bambaata o rapper é o que nasce ligado à indústria cultural, começa fazer a música já para vender, o MC nasce na comunidade do Hip Hop, mesmo que depois se insira na indústria cultural.

O nome Rap apareceu depois de tempos, pois as músicas tocadas por DJ's eram diversas músicas negras, como o Funk, principalmente. Cortavam pedaços e o repetiam (sampler), modificavam mixando com outras. É uma releitura de músicas e uma produção nova em cima de outras músicas.



Por conta da banalização e mercantilização do Rap, integrantes no estado de São Paulo para se diferenciarem nesse meio denominam-se como Rap Combativo, pois são anarquistas, marxistas e pessoas que não se definem em alguma das correntes do socialismo, mas que tem em sua concepção fazer um Rap crítico à realidade que o capitalismo nos coloca, afinal o Hip Hop e o Rap adquiriram politização por terem nascido no meio dos mais oprimidos pelo sistema.

EXTREMA DIREITA DESENTERRA CENSURA NO BRASIL

MÔNICA BUARQUE

Em 14 de janeiro deste ano se encerraria na Casa França-Brasil, RJ, a mostra “Literatura Exposta”. Por ordem da direção da mesma e da Secretaria Estadual de Cultura, o áudio da última instalação, “A voz do ralo é a voz de Deus”, foi proibido ainda em dezembro. O pretexto apresentado foi o da preservação da imagem do presidente. A instalação, criada pelo coletivo És uma Maluca, consiste em 6 mil baratas de plástico em volta de uma tampa de bueiro ao som de trechos de discursos de Bolsonaro durante sua campanha e ao longo de sua vida parlamentar. Em substituição, o grupo colocou um áudio com receitas de bolo, prática adotada por jornais impressos na época da Ditadura Civil Militar para ocupar o espaço do texto vetado.

Três meses depois acontece um novo episódio de censura, desta vez no âmbito federal. A publicidade veiculada pelo Banco do Brasil para divulgar seu aplicativo para abertura de conta corrente pelo celular,

iniciada em primeiro de abril, foi vetada duas semanas depois por Jair Bolsonaro, que telefonou para Rubem Novaes, presidente do BB, solicitando a censura. Por conta disso, o diretor de marketing, Delano Valentim, um funcionário de carreira da empresa, foi demitido.

O comercial mostra jovens com seus celulares na mão, sorrindo como para fazer selfs, algo tão comum ultimamente. Porém, para o presidente, a mensagem veiculada levava à transformação do normal em anormal.

Isso mesmo! Porque dentre os jovens retratados nos 31 segundos de vídeo há negros, uma transexual, alguém de cabelo colorido e o visual de todos os personagens é “descolado”, os atuais ocupantes da cúpula máxima da política do país consideraram que a publicidade queria tornar a exceção uma regra.

PUTARIA PARA RESISITIR

O capitalismo disciplina corpos e

mentes. Sendo assim, o que ele chama de “putaria” pode ser o embrião da resistência contra ele. Ou muito mais, dependendo da consciência que for conquistada.

Os jovens cujas imagens não podem aparecer numa propaganda onde há dinheiro do “Estado”, existem. São pessoas reais que pegam trem, metrô e ônibus, vão ao trabalho, à escola, são mães e pais adolescentes, buscam um emprego, enfim, interagem em toda a vida social. São mão de obra barata para produzir as riquezas do capital. Por isso não representam o que o governo de ultra direita, acomodado sobre o tripé forças armadas, fundamentalismo religioso e defesa da propriedade privada, deseja que seja a cara do brasileiro para o qual ele governa.

VAI TER BAILE DE FAVELA, DE PERIFERIA, DE TODA CLASSE TRABALHADORA

Sim, está no governo do Brasil e de muitos estados e municípios

uma lógica que podemos classificar no mínimo como anti-republicana, se lembrarmos que a res publica é a coisa que é de todos. Trata-se de uma direita reacionária que se orgulha em dizer que parte da sua população deve “entrar no armário”, esconder-se, negar suas raízes culturais e desistir de qualquer luta por direitos ou reparação histórica.

A memória dos torturados pela Ditadura Civil Militar está cada vez mais viva. Em cada censura ela se faz mais evidente. Não vão calar a força da classe trabalhadora, sua estética, sua beleza. O atual governo federal e seus colaboradores, caso do governo do estado do Rio de Janeiro, vêm com todos os ímpetos reacionários para exterminar pessoas e ideias.

Por isso, é preciso que a classe trabalhadora se organize cada vez mais em seus espaços: escolas, trabalho, sindicatos e também nos locais de lazer mostrando sua arte e seus prazeres.

Valores de respeito à diversidade em todos os sentidos são os valores que subvertem a ordem. A ordem que está hoje colocada é cruel e excludente. É triste porque mata.